

CARTAS DO EXÍLIO: CORRESPONDÊNCIA E ESCRITOS DE CIENTISTAS BRASILEIROS DURANTE A DITADURA MILITAR (1964-1985)

Aluna: Carolina Lins e Silva Ney

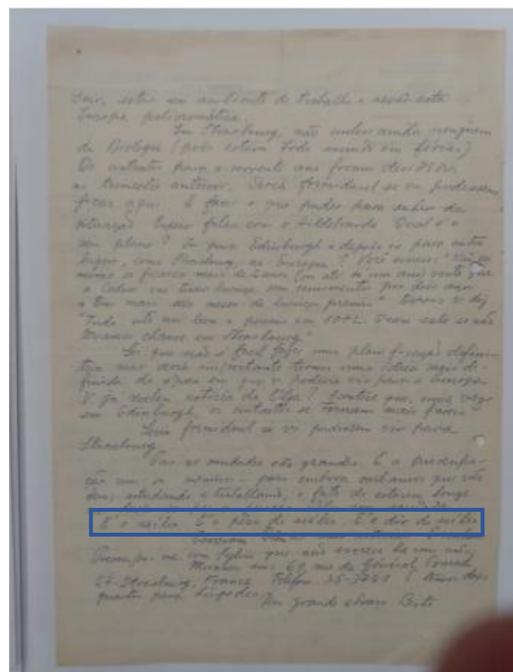
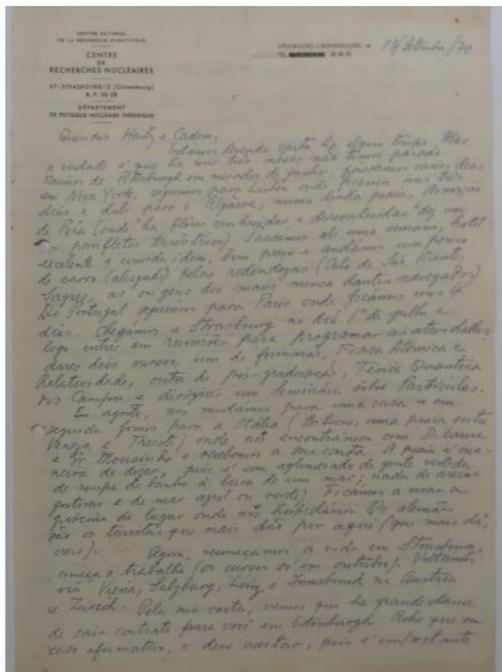
Escola: Colégio São Vicente de Paulo

Orientador Gilberto Hochman

Unidade: Casa de Oswaldo Cruz – departamento de pesquisa.

Introdução:

A pesquisa falou sobre a experiência do exílio de cientistas brasileiros perseguidos pela ditadura militar (1964-1985). Mais precisamente, os cientistas do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) cassados no episódio conhecido por “O Massacre de Manguinhos”. Impedidos de trabalhar em instituições e universidades públicas no Brasil, alguns deles, como Haity Moussatché, foram para institutos de pesquisa no exterior e só retornaram ao país depois da Lei da Anistia (1979) ou mesmo depois do fim do regime autoritário. Além das leituras sobre ciência, cientistas e universidades durante o regime militar, um outro recurso para a compreensão mais geral dos temas do autoritarismo e do exílio foram filmes produzidos tanto durante o período 1964-1985 como durante o período da redemocratização. Uma discussão importante foi sobre os tipos de fontes históricas que podem ser utilizadas. As principais fontes primárias utilizadas nesta pesquisa foram as cartas e escritos de Haity Moussatché (1910-1998) depois de sua cassação em 1 de abril de 1970, depositadas no Departamento de Arquivo e Documentação da COC/Fiocruz.



Carta escrita por Leite Lopes à Haity Moussatche em 13 de Setembro de 1970. (DAD – COC – Fiocruz)

É O EXÍLIO, É O PESO DO EXÍLIO, É A DOR DO EXÍLIO

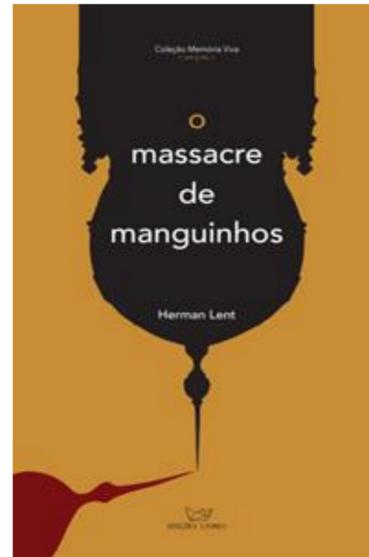


Os cassados de Manguinhos retornam à Fiocruz.

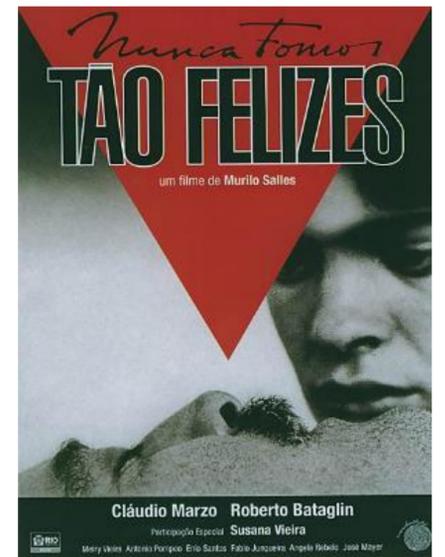
Conclusão:

Em conclusão, o exílio dos cientistas de Manguinhos tem características específicas. Impedidos de trabalhar no país e perseguidos politicamente pelo governo militar, a Haity Moussatché e outros só restou sair do Brasil. Nesse sentido diferente de outros exilados, envolvidos direta ou indiretamente com a luta armada que estavam fugindo da prisão e mesmo da morte, ou porque foram banidos do país. Entretanto, a experiência do exílio é similar nessas trajetórias; pois todas são involuntária e representam um deslocamento radical e traumático.

A minha avaliação do PROVOC é positiva, pela possibilidade de trabalhar com diferentes fontes e documentos para compreensão de um capítulo traumático da história brasileira. Foi um aprendizado importante sobre o trabalho e ofício do historiador em seu cotidiano e sou muito grata por essa oportunidade.



Capa do livro “O Massacre de Manguinhos”, escrito por Herman Lent



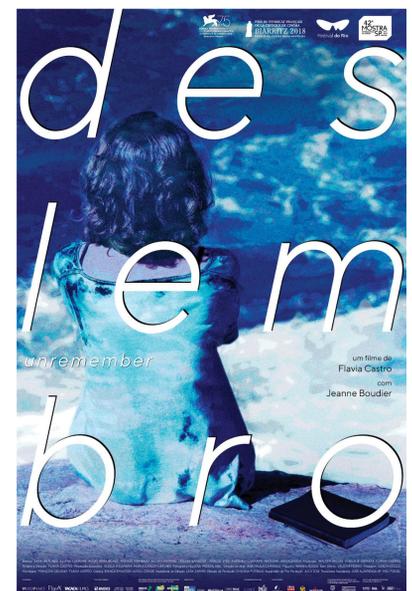
Capa do filme “Nunca fomos tão felizes” (1984),

Desenvolvimento:

A atividade principal da pesquisa histórica foi a leitura das cartas recebidas e enviadas por Haity Moussatché após a sua cassação e no exílio na Venezuela, na Universidade Centro-Occidental Lisandro Alvarado. Entre os seus principais interlocutores estava o físico José Leite Lopes (1918-2006), exilado na Universidade de Estrasburgo, França, após sua aposentadoria compulsória no Centro Brasileiro Pesquisas Físicas (CBPF) e o chefe da Divisão de Zoologia do IOC Herman Lent (1911-2004), cassado em abril de 1970 e depois exilado na Universidade de Los Andes, em Mérida, Venezuela. Os principais temas dessa correspondência eram a falta de perspectivas no Brasil, críticas ao governo e ao Ministro da Saúde Rocha Lagoa, responsável pelas perseguições no IOC, a sensação de não pertencimento aos novos espaços e as saudades da família e dos amigos. Isso é explicitado por Leite Lopes em carta a Moussatché datada de 1970: “É o exílio, é o peso do exílio, é a dor do exílio”. Um outro importante material histórico analisado é o livro de caráter memorialístico de Lent sobre os acontecimentos que levaram ao “O Massacre de Manguinhos”, termo por ele consagrado e que dá título ao seu livro. Outras fontes históricas utilizadas foram os documentos audiovisuais como filmes e documentários. Embora ficcionais, os filmes retratam os acontecimentos e as experiências individuais e familiares de perseguição, exílio e sofrimento dos que passaram pelo regime militar, como em “Nunca fomos tão felizes” (Murilo Sales, 1984) e em “O ano em que meus pais saíram de férias (Cao Hamburger, 2006) e “Deslembro” (Flávia Castro, 2019). Já os documentários buscam contribuir para a difusão da história da ditadura militar e seu impacto, a partir de diferentes perspectivas e personagens. Um exemplo é o documentário “Cabra marcado para morrer” (Eduardo Coutinho, 1964 e 1984), sua gravação foi interrompida com o golpe e só retomada dezessete anos depois. Dessa maneira, um filme que seria sobre a vida de João Pedro Teixeira, líder camponês assassinado em 1962, se transformou em um documentário sobre as ligas camponesas em Pernambuco, e sobre a vida da viúva de João Pedro, Elizabeth Teixeira, que viveu clandestinamente no Brasil entre 1964 e 1984, em uma espécie de exílio interno. A história da filmagem do documentário é, ela própria, uma história dos anos de chumbo.



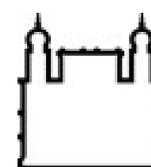
Capa dos filmes “O ano que meus pais saíram de férias” (2006) e “Deslembro” (2018).



Casa de Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO



Ministério da Saúde

FIUCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz